

Das técnicas de lançamento da bocha: um estudo etnográfico

Saulo Kuster^{1,2}, Juliana Guimarães Saneto³*

¹Mestrado em Educação Física pela Universidade Federal do Espírito Santo; ²Docente da Rede Municipal de Serra, Espírito Santo; ³Faculdade Capixaba da Serra, MULTIVIX/Serra, Espírito Santo.

ORCID: 0000-0001-9476-157X, 0000-0003-3197-2577

* e-mail para correspondência: saulokust@hotmail.com

RESUMO

O estudo etnográfico se deu a partir da descrição densa da realidade e teve como objetivo analisar, no contexto do jogo de bocha tradicional, a técnica de lançamento. Para isso, foram articulados os referenciais de C. Geertz e M. Mauss. Após a aproximação da literatura com o contexto em estudo, observou-se que não existe um movimento único e padronizado, sendo cada jogada executada quase que de maneira única, requerendo determinada forma que é adquirida através de experiências empíricas (tentativa e erro) e também a observação de jogadores habilidosos.

Palavras-chave: Bocha; Jogo tradicional; Técnicas corporais.

Bocca throwing techniques: an ethnographic study

ABSTRACT

The ethnographic study was based on a dense description of reality and aimed to analyze the throwing technique in the context of the traditional bocca game. For this purpose, the references of C. Geertz and M. Mauss were articulated. After the approximation of literature with the context under study, it was observed that there is no single and standardized movement, with each move being acquired through empirical experiences (trial and error) and also the observation of skilled players.

Key words: Boules; Traditional game; Body techniques.

INTRODUÇÃO

A prática da bocha resguarda uma série de peculiaridades que podem soar como algo estranho aos olhos pouco familiarizados, já que sua dinâmica distingue-se das práticas esportivas mais populares no Brasil, como o futebol. De modo sintético, é possível dizer que uma partida de bocha se inicia quando o *bolim* (pequena bocha de cor branca) é lançada para a zona de jogo e se transforma no ponto de referência dos praticantes. O objetivo de todos os jogadores gira em torno de situar sua bocha perto do *bolim* ou remover às lançadas pelos adversários (SILVEIRA, 2007; OLIVEIRA, 2017). Essa dinâmica se repete através de jogos individuais, duplas, trios ou quartetos.

Tal prática aparece ligada ao jogo em uma perceptiva mais esportivizada, vinculada às Federações Estaduais¹, à Confederação Brasileira de Bocha e Bolão e, também, à prática na perceptiva tradicional/popular, que não guarda ligação com instituições de regulação ou promoção (OLIVEIRA, 2017). Neste trabalho, focamos no segundo caso que, por conta de suas características, vemos ainda maior variação na forma de jogo e adaptação à realidade local (STEIGER, 1987). Essa forma de prática, embora resguarde uma dinâmica básica similar a esportiva (utiliza-se bochas que são lançadas com as mãos no interior de uma cancha), distingue-se no que concerne as regras e dinâmicas internas, como pode ser notado ao investigar os detalhamentos de campo realizados por Stigger e Silveira (2004), Rosa (2019) e Pereira e Gomes (2017; 2020).

Diferentemente da bocha paralímpica, onde há uma produção científica consolidada e um progressivo aumento de visibilidade por parte da sociedade (SANTOS et al, 2019), a bocha na dimensão tradicional ainda é pouco estudada pela academia. Para compreender cientificamente, na perceptiva hermenêutica, a prática da bocha, é preciso vê-la como fenômeno sociocultural com características polissêmicas que variam de acordo com o sentido atribuído à prática. É possível dizer, portanto, que a compreensão de seus meandros requer um esforço teórico que seja capaz interpretar os sentidos por de traz de prática, desvelando aspectos que não são vistos *de fora e de longe* (MAGNANI, 2019).

Tal complexidade pode ser captada em Vieira et al (2006) quando, ao estudar os efeitos do intervalo após arremesso, nota que às métricas laboratoriais adotadas não lhe dariam a precisão objetivada, pois considerou o lançamento da bocha “[...] uma tarefa mais complexa que as utilizadas

¹ O representante máximo estadual, no caso Capixaba, é a Federação Espírito-santense de Bocha que, embora conte com um número de times inscritos bem mais modesto, se comparado aos estados São Paulo e Rio Grande do Sul, têm se consolidado nos últimos anos (FEDERAÇÃO ESPÍRITO SANTENSE DE BOCHA, 2017)

tradicionalmente em laboratório” (VIEIRA et al, 2006 p. 4). Desse modo, é possível dizer que o lançamento da bocha, assim como outras tarefas do mundo concreto, apresenta particularidades e complexidades que nem sempre podem ser respondidas de maneira satisfatória a partir de um instrumental teórico advindo da área da biodinâmica do movimento, como foi o caso de Vieira et al (2006).

Para interpretar o jogo de bocha em sua complexidade sociocultural, este trabalho recorre à pesquisa etnográfica. A etnografia, realizada no contexto de práticas de esporte e lazer, é capaz de pensar o movimento como sendo algo impregnado de sentidos e significados construídos na dinâmica social humana (DAOLIO, 2015). De forma resumida, a etnografia, nesse contexto de pesquisa, é importante pois é capaz de mostrar como os sujeitos jogam e o porquê de fazerem os lançamentos do jeito que fazem, tendo como premissa que esse movimento não se reduz a algo único ou psicológico, mas está inserido em uma trama de relações culturais. Pensamos, em suma, que os empreendimentos etnográficos sobre a cancha de bocha podem ajudar a melhor delinear esse contexto de investigação ainda embrionário.

Sem querer dicotomizar a vida humana na discussão “cultural” ou biológica”, nem a pretensão de esgotar o debate sobre a temática, mas compreendendo que a bocha no contexto tradicional está inserida no momento de lazer de idosos (ROSA, 2019; SILVEIRA, 2007), buscamos analisar as técnicas de lançamento das bochas empregadas pelos jogadores a partir das reflexões de Mauss (2004).

Para este artigo, recorreremos fundamentalmente à produção de Clifford Geertz e Marcel Mauss. Geertz, conhecido pesquisador da chamada “antropologia Interpretativa” é mobilizado, sobretudo, para pensar a *descrição densa*, que objetiva proporcionar a compreensão das estruturas significantes implicadas na ação social observada na cancha de bocha. De Marcel Mauss, uma das figuras de proa da chamada escola Francesa de antropologia, nos valemos principalmente de seu texto “As técnicas do corpo”. Esse trabalho clássico da antropologia nos ajuda a situar o jogo de bocha (logo, seu lançamento) como uma forma que nós, humanos, nos expressamos através dos gestos que são carregados de história e significados.

Devemos dizer que o trabalho de aproximação entre os esforços teóricos de Geertz e Mauss já foi realizado, pioneiramente no campo da Educação Física, pelo professor Jocimar Daolio, em seu livro *Da cultura do corpo* (1999) e escritos posteriores. Em seus trabalhos, vemos um empenho em trazer essas reflexões etnográficas para o campo da Educação Física e esporte. Pensamos que seguindo as pistas de Daolio e estudando alguns autores importantes para o campo da antropologia

– como os já mencionados Geertz e Mauss – conseguiremos explorar as técnicas corporais do lançamento da bocha como sendo fruto de relações culturais.

SOBRE O FAZER ETNOGRÁFICO NA CANCHA DE BOCHA

A etnografia é vista, muitas vezes, como um método próprio da antropologia. Há autores, no entanto, que defendem que a etnografia não é propriamente (ou somente) um “método”. Peirano (2014, p. 7) vai defender que as etnografias não são resultados simplesmente de “métodos etnográficos”; “[...] elas são formulações teórico-etnográficas; toda etnografia é também teoria”. A autora ainda adverte que é preciso desconfiar daquelas pesquisas que afirmam usar o “método etnográfico”. Nesse sentido, a etnografia é uma forma de fazer pesquisa que envolve, em seu próprio fazer, formações que são teóricas e metodológicas. Para a autora, se é boa etnografia, haverá também contribuição teórica-metodológica.

É com base na perspectiva defendida por Peirano (2014) que buscamos, através do fazer etnográfico, interpretar a realidade empírica da cancha de bocha para problematizar e desvelar aspectos diversos dos lançamentos de bocha. Todo o trabalho empírico desta investigação foi realizado a partir de autorizações prévias dos sujeitos de pesquisa, por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido TCLE, seguindo os parâmetros estabelecidos pelo Comitê de Ética e pesquisa². A frequência de trabalho de campo concentrou-se mais nas tardes de sábado e domingo, dias preferidos pelos praticantes para o jogo de bocha.

Empiricamente, seguimos pressupostos de Geertz (1989) quando nos fala da etnografia como uma descrição densa dentro de uma proposta de análise cultural. Para o autor, essa descrição deve ser interpretativa envolvendo significados subjacentes ao objeto da pesquisa. É preciso mais do que uma “simples” descrição dos aspectos sociais; torna-se necessário interpretar os dados descritos por meio da perspectiva antropológica que se convencionou chamar de hermenêutica. Fazer isso não é, obviamente, “coletar” os chamados “dados”. A pesquisa empírica significa, seguindo a concepção de Peirano (2008), a própria *teoria vivida*. A etnografia não é “coleta”, não é apenas uma metodologia, é própria teoria vivida.

Para Geertz (1989), a cultura se constitui como uma teia de significados, sendo a etnografia um esforço que gira em torno da apreensão subjetiva do seu significado. Uma estratégia de pesquisa

² A aprovação deu-se no comitê de ética da Universidade Vila Velha. CAAE: 78872117.7.0000.5064.

eficaz que pudemos utilizar para compreender essa teia de significados foi a perspectiva *de perto e de dentro*. Para Carlos Cantor Magnani, autor que cunhou o termo, esse *modus operandi* no campo de pesquisa é “capaz de identificar, descrever e refletir sobre aspectos excluídos da perspectiva daqueles enfoques que, para efeito de contraste, *qualifico* como de fora e de longe.” (MAGNANI, 2019, p. 17) (grifo nosso). Somente a partir da vivência realmente *de dentro* é que capta-se toda a complexa relação que envolve a bocha, já que uma visão *de fora* não faria mais do que repetir alguns estereótipos que reduzem a bocha a um “jogo sem emoção” ou um “jogo fácil”, como costumamos escutar corriqueiramente em nosso dia a dia.

As pesquisas etnográficas, na concepção de Geertz (1989), não estudam necessariamente o local. Mas o esforço do pesquisador versa sobre uma descrição interpretativa das ações humanas que acontecem no ambiente, isto é, no campo de bocha. Para isso o exercício antropológico deve ir além de uma observação “automática” ou meramente a realização de entrevistas (seja ela de tipo aberta ou semiestruturada), é preciso conversar, interagir e interpretar, fazendo uso das faculdades constituintes do antropólogo- *olhar, ouvir e escrever* (OLIVEIRA, 1995).

Nesta pesquisa, utilizamos como instrumentos de investigação: entrevistas, fotografias e caderno de pesquisa de campo, que foram fundamentais para as análises de campo. No caso das entrevistas, optamos por um modelo semiestruturado e realizamos a gravação dos diálogos com auxílio de um gravador que, posteriormente, teve seu conteúdo transcrito integralmente. Sabendo dos eventuais riscos de exposição que circundam o trabalho etnográfico, utilizamos nomes fictícios no momento de mencioná-los neste trabalho. Esses instrumentos auxiliam na compreensão do campo de pesquisa, mas não se sobrepõem hierarquicamente ao diálogo a experiência empírica prolongada com os frequentadores.

A pesquisa de campo foi realizada durante todo o ano de 2017 e o primeiro trimestre de 2018. Nesse período, a realidade social da cancha foi interpretada privilegiando os grupos que realizavam interações recorrentes no campo, e não tanto indivíduos com visitas esporádicas. Tal aspecto é importante em termos teóricos-metodológicos porque implica admitir certo limite analítico do trabalho e, ao mesmo tempo, evita dubiedade quanto ao conteúdo providente das análises. Entendemos que esse tipo de delimitação é vital para elaborações de reflexão antropológica fora das chamadas “sociedade de pequena escala”, pois o ambiente citadino contemporâneo é marcado pela complexidade das relações sociais e dificuldade de grandes generalizações analíticas (VELHO, 2012; FELDMAN-BIANCO, 2010).

BOCHA E MARCEL MAUSS: DINÂMICA E FORMAS DE LANÇAMENTO DURANTE AS PARTIDAS

Silveira (2007) e Rosa (2019) apontam em seus trabalhos para importância da bocha como espaço de sociabilidade marcado pela dimensão do encontro. É sob essa mesma concepção que a prefeitura de Marechal Floriano, região serrana do Espírito Santo³, construiu a Cancha Quintino Eduardo Rupf, o *locus* de pesquisa desta investigação. Esse ambiente tem como característica ser um espaço coberto que mede 24 metros de comprimento e 4 metros de largura e conta com uma pequena arquibancada para a apreciação dos jogos. Somam-se às características físicas da cancha propriamente dita a existência de um bar (que funciona como anexo) que congrega um elevado número de praticantes e familiares dos jogadores. O acoplamento da cancha de bocha ao bar, conforme nos mostra Pereira e Gomes (2020) em seu estudo, funciona como um agente socializador potente.

Figura 1 - Estrutura da cancha Quintino Eduardo Rupf.



Fonte: arquivo pessoal (2017).

As partidas de bocha na cancha Quintino Eduardo Rupf são controladas por pontos, geralmente ganhando quem atinge primeiro 8 (oito) ou 10 (dez). Contudo, em certos momentos, essas regras são subvertidas em nome de algumas contingências, como a pressa para acabar a partida ou sua extensão, no caso da excitação e competitividade estar muito elevada. Nesse sentido, os procedimentos informais de acesso, continuidade e término das partidas estão condicionados à

³O lócus fica localizada cerca de 53 km da capital Vitória (MARECHAL FLORIANO. Prefeitura Municipal, 2017).

dinâmica coletiva, manifestada em seus acordos explícitos ou tácitos (SILVEIRA; STIGGER, 2007; ROSA, 2019; FONSECA, 2015).

Figura 2 - Senhores disputando uma partida de bocha durante um final de semana.



Fonte: Viana (2017).

Explicada genericamente a dinâmica do jogo de bocha, é preciso destacar um dos “ápices” das partidas: o lançamento (acertado) da bocha. Silveira (2007 p. 93), analisando esse fenômeno, conclui que:

O que parece importar [no jogo de bocha] é a maneira como o ponto é feito e as consequências que ele gera. A ênfase dada à alegria e às palmas que a ‘bochada’ [lançamento] proporciona acaba sendo maior que o próprio fato de marcar um ponto.

Silveira (2007) mostra, ainda, a dimensão plástica que o lançamento resguarda e o papel simbólico que isso assume. Em outras palavras, demonstra como um lançamento é mais do que um mero ato biodinâmico, pois ele não significa a mesma coisa sempre: a dificuldade de realizá-los cria gradações de importância. Uma jogada exitosa no começo de uma partida significa menos prestígio e excitação por parte dos jogadores do que o lançamento que decide uma partida, por exemplo.

Essa importância do lançamento foi motivo de diversos diálogos e entrevistas no campo de bocha, e os interlocutores sempre apontavam no sentido de demonstrar o prestígio que essa “arte” propicia, pois é o “ponto alto” do jogo.

A jogada [lançamento] da bocha é o máximo do jogo. É como o chute no futebol: simplesmente fundamental. Fazer um lançamento bonito é uma arte, uma coisa linda, a mais importante, na verdade. Não quero só fazer ponto, quero fazer aquele ponto que todos vibram com a beleza. Acho que beleza é a coisa mais importante aqui, é como o futebol brasileiro: a beleza importa mais do que tudo (PEDRO, 72 ANOS).

Nessa fala, Pedro evidencia justamente a importância da técnica específica de lançamento durante a partida, além de uma *tensão agradável* que o jogo proporciona (ELIAS, 1992). Fica evidente, também, algo que apareceu em outras conversas informais: em certos momentos do jogo os frequentadores da cancha se preocupam mais com a *forma* do que com *conteúdo* propriamente dito. O uso da expressão em “certos momentos” é importante pois, empiricamente, vemos que, embora a *forma* seja, de fato, muito valorizada, o *conteúdo*, em certos contextos, como a proximidade da derrota, ganha relevância.

Durante toda a pesquisa de campo, surgiam falas sobre a beleza e precisão milimétrica das jogadas. Perseguindo o objetivo de nossa pesquisa, é preciso situar teoricamente o que é, exatamente, um lançamento de bocha. É sabido que historicamente a humanidade produziu diferentes formas de lançar e arremessar com diversos objetivos e esse movimento acontece a partir de técnicas e finalidades às vezes díspares. Todo esse amplo conjunto de gestos pode ser considerado, à luz de Marcel Mauss (2004), técnica corporal. Desse modo, assumimos que os lançamentos das bochas (valorizando a plasticidade do lançamento ou não) são técnicas corporais historicamente constituídas.

Para Daolio (2008) qualquer gesto que façamos é uma técnica corporal, pois possui uma tradição e é passível de significações. Não são “técnicos” somente aqueles movimentos “específicos” e “certos” das modalidades esportivas, mas todo o movimentar-se humano. Pois, mesmo que inicialmente o gesto técnico empregado em determinada ação seja ineficaz, é possível transformá-lo, já que independentemente “sempre serão [gestos] técnicos, humanos, com tradição e eficácia simbólica” (DAOLIO, 2020 p. 124).

Sendo assim, não se trata de estudar uma busca por um “modelo ideal” de lançamento, mas de um modo eficaz, que já é tradicional na cancha, porque é dotado de eficácia simbólica. Daolio e

Veloze (2008 p. 8) fazem uma exemplificação didática da eficácia simbólica: a finta do futebol. Esse movimento (a finta) é uma “[...] construção técnica que estatisticamente não é das mais recomendáveis, uma vez que um grande número de tentativas resulta em pequena proporção de acertos e, menos ainda, de jogadas que resultem em gol”. Ainda assim, “driblar no futebol possui um conjunto de significados que remetem ao prazer, à brincadeira, à dominação do adversário”. Coisa parecida ocorre na bocha, conforme apareceu na fala de Pedro.

A eficácia simbólica do lançamento da bocha só faz sentido dentro daquele contexto. Podemos dizer que há um imbricamento entre a cultura local e significado/sentido de uma ação motora. Isso pode ser visto na literatura antropológica, por exemplo, em Geertz (1989), quando explica que as “simples” piscadelas podem ter diferentes significados e implicações. As piscadelas que Geertz narra são, em última instância, técnicas corporais que são aprendidas e ensinadas e resguardam diferentes significados em cada sociedade humana.

Na pesquisa de campo, temos exemplos fartos que ilustram os sentidos distintos que os lançamentos vão assumindo, como Geertz (1989) viu nas piscadelas. Se estivermos falando de jogos em duplas, por exemplo, um jogador pode fazer um lançamento forte que espalhe todas as bochas da cancha. Essa ação pode estar visando uma estratégia futura ininteligível para a outra dupla e para todos os outros presentes. Esse lançamento forte poderia, afinal, ser apenas um erro, como corriqueiramente poderia ser interpretado por alguma pessoa inexperientes ou um pesquisador. Ou, ainda, esse lançamento pode ser visto não como um erro, mas como uma estratégia desesperada; com medo de perder a partida o jogador realiza um lançamento forte na busca desesperada de mudar a situação do jogo. Esse mesmo lançamento, que pode ter três diferentes significados, gerará diferentes estratégias de jogo. Se um adversário pensar que trata-se de um mero erro, fará a jogada subsequente de forma menos cuidadosa, buscando superá-lo. Se o jogador pensar que trata-se de uma estratégia refletida, fará um lançamento que combata essa possível estratégia. E, por último, se pensar que se trata de uma jogada desesperada, poderá tentar uma estratégia que leve em conta justamente com o desequilíbrio de seu adversário. Ocorre que somente a pesquisa etnográfica pode, empiricamente, compreender detidamente esses diferentes significados da técnica corporal.

Essa mesma técnica corporal, que pode guardar uma polissemia de significados, é ensinada e apreendida culturalmente. Sobre as técnicas corporais, define Mauss (2004, p. 211) como “[...] as maneiras como os homens, sociedade por sociedade e de maneira tradicional sabem servir-se de

seus corpos”⁴. Desse modo, os lançamentos de bocha são práticas corporais, movimentos tradicionais, que são construídos e legitimados culturalmente e incidem diretamente na manifestação do gesto corporal; essas técnicas são aprendidas, (re) criadas e refinadas ao longo do tempo e produzem sentido na identidade corporal do sujeito inserido naquele meio. A pessoa que aprendeu a realizar esse lançamento forte aprendeu empiricamente a fazê-lo, não passou por um processo sistematizado de ensino-aprendizagem.

No caso da bocha, mesmo não existindo a rigorosidade de apenas um “tipo” de técnica muito especializada, como é o caso de determinadas corridas do atletismo⁵ ou grandes semelhanças como é possível ver em outros esportes, observa-se algumas recorrências no momento do lançamento.

A bocha costuma ficar aprisionada na ponta dos dedos, estes sempre apontados para cima. Precede o lançamento, realizado com apenas uma das mãos, uma postura em que os jogadores flexionam os joelhos a sua maneira, de forma a inclinar o tronco a frente e aproximar a mão do solo para lançar a bocha, mantendo o olhar fixo nos alvos possíveis (*bolim* e bochas). Compõe o posicionamento descrito o outro braço, sendo mantido (na maior parte das vezes) lateralmente em movimento pendular ou atrás do corpo.

Assim, existe um quadro básico de execução de movimentos, mas cada jogada demanda um empreendimento específico de força que é influenciado pelo local, considerando variações do piso da cancha (terra batida, argila, material sintético, areia) e também pelo tipo de jogada que deseja ser realizada. Um lançamento longo requer considerável emprego de força para chegada do *bolim* ao ponto desejado, ao passo que um curto talvez precise de igual intensidade, se o objetivo for retirar as bochas de seu adversário. Já em outros casos, por exemplo, o lançamento deve ser realizado lentamente (utilizando pouca força) para impedir uma futura jogada adversária e inviabilizar sua vitória. Essas são algumas (poucas) estratégias entre as inúmeras utilizadas durante as partidas de bocha para obter a pontuação. Essa breve explicação demonstra que os jogadores passam por algum tipo de educação corporal e criam estratégias para conseguirem aumentar a eficácia de seus lançamentos, convertendo isso em vitórias.

⁴ É importante ressaltar que essas reflexões de Mauss, que buscavam superar o entendimento dicotômico entre o ser homem e o corpo, foram influenciadas pelos trabalhos de seu tio, guia e orientador, Emile Durkheim (OLIVEIRA, 1979). Há que se notar que mesmo com o grande distanciamento temporal de sua obra até os dias atuais, suas reflexões ainda são importantes para analisar diferentes fenômenos de nossa sociedade (DAOLIO; RIGONI; ROBLE, 2012; RODRIGUES, 2000; BAPTISTA; LÜDORF, 2016), entre eles a prática do jogo de bocha como prática sociocultural.

⁵ Como nos casos da corrida de marcha atlética, corrida com barreiras e revezamento, em que os atletas mudam a forma de correr para adequação em determinadas provas.

Esse tipo de empreendimento específico de uma técnica (no caso da bocha, o lançamento) é relatado em Mauss quando narra a dificuldade encontrada pelos soldados Ingleses em marchar usando o mesmo tempo rítmico das tropas francesas e suas diferenças na forma de andar. Seguindo o mesmo princípio, o autor narrou sua experiência na primeira Guerra Mundial, quando viu a substituição de 8 (oito) mil pás francesas que os ingleses não conseguiram manusear. Em decorrência da urgência que a guerra impõe, era mais viável fazer as substituições das pás do que ensinar os ingleses a manuseá-las, evidenciando como o aprendizado de uma nova técnica corporal pressupõe tempo e esforço.

Esses exemplos supracitados servem como ilustração de como as formas de realizar determinadas atividades, por mais “simples” ou “naturais” que pareçam aos olhos despercebidos, são construídas culturalmente. No caso da bocha, é preciso olhar seus lançamentos sob essa ótica, que diferentemente dos exemplos de Mauss – que pressupõem certa homogeneidade de movimentos, talvez pela natureza militar das atividades – resguardam mais possibilidades de mudança.

Nas imagens abaixo, estão expostas diferentes formas de lançamento de bocha, em diferentes momentos e contextos:

Figura 3 - Lançamento da bocha com joelho menos flexionado.



Fonte: Arquivo Pessoal (2017).

Figura 4 - Lançamento da bocha com joelho mais flexionado.



Fonte: Arquivo Pessoal (2017).

Por meio dos estudos de Mauss (2004), podemos observar que as técnicas de execução de movimentos são frutos de vários fatores que influenciam a forma de execução de movimento e a popularidade das práticas (RODRIGUES, 1997). É possível dizer, no caso de público majoritariamente idoso da cancha de bocha, que é influenciado por aspectos físicos (ligados à força demandada para realizar um lançamento e a flexão joelhos) e, principalmente, contexto social em questão.

Os aspectos relacionados à dimensão física são contornáveis, pois muda-se com facilidade regras: faz-se, assim, partidas em que as bochas são jogadas proximamente (evitando lançamentos que demandariam o emprego de mais força), para que todos possam realizar os lançamentos. Contudo, chama atenção como a dimensão geracional permeia o modo como as pessoas jogam. É comum a menção aos antigos jogadores do local e explicações de como os mais jovens aprenderam. Um exemplo que ilustra esse fenômeno pode ser visto na fala de Humberto, um dos entrevistados: “[...] eu aprendi com meu pai a jogar bocha, que era muito bom. Ficava observando e comecei a imitar. Quando fui crescendo, fui pegando as bochas e jogando. Melhorei ainda mais” (HUMBERTO, 50 ANOS). Acreditamos que a aprendizagem, nesses casos, se aproxima do conceito de imitação prestigiosa utilizado por Marcel Mauss (2004), segundo o qual as pessoas com mais prestígio/autoridade tendem a ser imitadas.

Esse fato de reprodução não se dá somente na relação entre pai e filho, mas em forma de uma tríade elementos, prioritariamente: o psicológico, o biológico e o social, de maneira indissociável (MAUSS, 2004). Por isso, quando uma geração transmite a ciência de seus gestos através de um jogo, está fazendo algo tão valioso quanto a transmissão da linguagem oral, pois isso

incide, no caso na bocha, no modo com que os jogadores agem durante a partida e conformam seus lançamentos.

Quando se trata dessa execução técnica culturalmente aprendida, na interpretação de Soares e Moreno (2015) fala-se de uma educação à qual o corpo vai sendo submetido ao longo da vida por diversas instituições sociais⁶. E é dentro desta conjuntura de análise que Soares (2000) define a Educação do Corpo como “[...] um conjunto de forças capaz de pôr em movimento determinações precisas, conter e reprimir desejos e preservar energias”.

Mauss em sua obra não faz menção direta a aspectos relacionadas à educação, mas trata de um conjunto de técnicas corporais em diferentes grupos. No entanto, postulamos que seus esforços servem como uma sustentação na argumentação colocada em Soares e Moreno (2015) e Soares (2000) acerca da Educação do corpo, visto que a constituição das formas de se movimentar em um tempo-espço está condicionada aos critérios outorgados pela sociedade em uma gama complexa de tensões.

Em diversas ocasiões, escutei dos frequentadores da cancha falas nostálgicas quanto a sua juventude de jogador de bocha, sempre louvando sua força e performance. Não fortuitamente, quando perguntados, dizem que atualmente são tecnicamente melhores jogadores do que outrora. Ocorre que o tempo, ou melhor, a educação corporal que os indivíduos foram submetidos ao longo dos anos, fizeram com que fossem aperfeiçoando a técnica, tanto em termos de precisão quanto no sentido da eficácia simbólica, ainda que biologicamente tenham ficado com menos força física para lançar.

Tendo em vista dimensão simbólica de todos os lançamentos, nota-se que a aprendizagem se dá pautada na observação e na prática, com raízes no grau de exposição/contato que o indivíduo mantém com a bocha, como fica explícito na fala do Marlon.

[...] Não sou daqui né?!... Sou lá do sertão do Ceará, vim morar aqui com mais de vinte anos, lá não existia bocha, tinha outros jogos... Mas bocha não... Quando vi o jogo pela primeira vez achei estranho, esse negócio de jogar uma bola pertinho da outra é legal, mas não é fácil como pode parecer pra quem nunca jogou. Logo aprendi a jogar, ninguém me ensinou, aprendi vendo e jogando, ninguém pega no braço da outra para ensinar, ela vê e joga até acertar. Logo quando mudei pro Espírito Santo ficava o domingo todo num campinho que nem existe mais, aprendi bastante, hoje jogo direitinho e não quero mais parar (MARLON, 62 ANOS).

⁶ Para os autores chegarem a essa percepção, fazem uma digressão histórica e estudam dos modelos ginásticos no período do século XVIII até às primeiras décadas do século XX.

Podemos pressupor, dessa maneira, que caso a bocha tivesse outro formato, peso e/ou circunferência, ela poderia influenciar ou condicionar outras formas de lançamento, ocasionando assim a aplicação de outra técnica. Além disso, os dados empíricos nos mostraram que a forma com que os praticantes fazem seus lançamentos, em grande medida, são influenciadas pelo plano da imitação do lançamento belo e/ou eficaz e também pela tentativa e erro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho objetivou analisar a técnica de lançamento da bocha a partir de referências socioantropológicas como um fenômeno sociocultural, sob a perspectiva de Marcel Mauss (2004). Para isso, utilizamos a etnografia como alternativa de compreensão de universos particulares, fizemos uso da realidade vivida na cancha de bocha Quintino Eduardo Rupf durante os anos de 2017 e 2018.

Embora tenhamos observado que os jogadores estão interessados na vitória durante as partidas, o (belo) lançamento das bochas parece ser um dos ápices do jogo, mesmo não existindo uma padronização do movimento. O que foi perceptível é que cada lançamento é executado de forma quase que única, requerendo determinada forma e métrica para ser eficaz. Esse lançamento é construído e legitimado culturalmente, sem que haja ensino sistematizado como comumente vemos em outras práticas. O lançamento é aprendido no momento do jogo propriamente dito, não treinado isoladamente.

Embora a teoria de Mauss preconize certa padronização de técnicas corporais por meio de um processo tradicional de aprendizagem, pautado na observação e na imitação prestigiosa, a pesquisa empírica sobre a cancha revela que, no caso dessa prática, nem sempre essa padronização existe ou se materializa de maneira clara. O que pareceu mais patente no processo de aprendizagem dos lançamentos são as experiências empíricas (tentativa e erro), juntamente com a observação de jogadores habilidosos que realizam “belas jogadas” (que são repletas de eficácia simbólica).

Mesmo com as limitações apresentadas em nosso estudo, como ocorre em toda pesquisa científica, buscamos construir conhecimento sobre o lançamento de bocha e, também, em alguma medida, problematizar a ótica simplista que, por vezes, o jogo é submetido, fato que desconsidera sua complexidade. Postulamos com esta investigação que a cancha de bocha é um ambiente multifacetado onde ocorre grande esforço para realização do lançamento “perfeito”.

REFERÊNCIAS

BAPTISTA, G. G.; LÜDORF, S. M. A. “Educação do corpo”: a leitura de uma agenda em construção. **Movimento**, v. 22, n. 3, p. 723-737, 2016.

DAOLIO, J. **Da cultura do corpo**. 4. ed Campinas, SP: Papirus, 1999.

DAOLIO, J.; VELOZO, E. L. A técnica esportiva como construção cultural: implicações para a pedagogia do esporte. **Pensar a prática**, v. 11, n. 1, p. 9-16, 2008.

DAOLIO, J. Jogos esportivos coletivos: dos princípios operacionais aos gestos técnicos-modelo pendular a partir das idéias de Claude Bayer. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v. 10, n. 4, p. 99-104, 2008.

DAOLIO, J.; RIGONI, A. C. C; ROBLE, O. J. Corporeidade: o legado de Marcel Mauss e Maurice Merleau-Ponty. **Pro-Posições**, v. 23, n. 3, p. 179-193, 2012.

DAOLIO, J. Educação física e pesquisa sociocultural. **STIGGER, Marco Paulo. Educação física+ humanas. Campinas, SP: Autores Associados**, p. 111-128, 2015.

DAOLIO, J. **Corpos e cultura**: a atualidade do pensamento de Marcel Mauss.in: DAOLIO, Jocimar. Corpo e cultura. Nata: Edufrn, 2020. p. 117-127.

ELIAS, N.; DUNNING, E. Maria Manuela Almeida. **A busca da excitação**. 1992.

FEDERAÇÃO ESPÍRITO-SANTENSE DE BOCHA. **Bocha no Brasil**. Disponível em:<http://febocha.com.br/crbst_25.html>. Acesso em: 08 de Out. 2017.

FELDMAN-BIANCO, B. **Antropologia das sociedades contemporâneas**: métodos. 2010.

FONSECA, I. F.. **Sociabilidades em um Clube de Malha**: Perspectivas antropológicas sobre o jogo, masculinidade e envelhecimento. 2015. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 1989.

MAGNANI, J. G. C. **De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana**. In: NAU – Núcleo de Antropologia Urbana da USP. Disponível em: <http://www.n-a-u.org>. Acessado em: 04/05/2019.

MAUSS, M. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac &Naif, 2004.

MARECHAL FLORIANO. Prefeitura Municipal. **História**. Disponível em: <http://www.marechalfloriano.es.gov.br/o-municipio/historia-do-municipio>. Acesso em: 15 de Out. 2017.

OLIVEIRA, D. L. **Bocha**: lazer e alto rendimento. 1. Ed. Porto Alegre: Editora Bocha, 2017.

OLIVEIRA, R. C. **Leitura de Mauss**. Série antropologia, 1979.

KUSTER, S; SANETO, JG.

Das técnicas de lançamento da bocha: um estudo etnográfico. *Revista Saúde, Corpo e Movimento*, ano 2, v. 2, n. 1, 2023. ISSN 2965-4017. Passos (MG).

OLIVEIRA, R. C. **O trabalho do antropólogo**: Olhar, ouvir e escrever. UNICAMP, 1995.

PEIRANO, M. Etnografia, ou a teoria vivida. **Ponto Urbe. Revista do núcleo de antropologia urbana da USP**, n. 2, 2008.

PEIRANO, M. Etnografia não é método. **Horizontes antropológicos**, v. 20, p. 377-391, 2014.

PEREIRA, L. P. G.; GOMES, I. M Sentidos sobre o corpo saúde e lazer: Os usos de uma praça pública na cidade de Vitória/ES - Brasil. **12º Con Arg de Educación Física y Ciencias 2017, Ensenada, Argentina**. Educación Física: construyendo nuevos espacios. EN: Actas. Ensenada: Universidad Nacional de La Plata. Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación. Disponível em: <http://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/trab_eventos/ev.10232/ev.10232.pdf>.

PEREIRA, L. P. G; GOMES, I.M. Entre o Ambiente Construído e suas Formas de Interação: Usos e Apropriações de um Espaço Público na Cidade de Vitória/ES. **LICERE-Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, v. 23, n. 3, p. 587-617, 2020.

RODRIGUES, R. **O pensamento antropológico de Marcel Mauss**: uma leitura das “técnicas corporais”. Dissertação (Mestrado) -Faculdade de Educação, Universidade estadual de Campinas, Campinas 1997.

RODRIGUES, R. Sociedade, corpo e interdições: contribuições do estudo de Marcel Mauss sobre as técnicas do corpo. **Conexões**, p. 129-140, 2000.

ROSA, R. K. **Práticas de sociabilidade esportiva de idosos**: um estudo no parque 20 de maio de Porto Alegre. Trabalho de conclusão de curso. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2019. Porto Alegre.

SANTOS, S. M. et al. Mídia e Jogos Paralímpicos no Brasil: a cobertura da Folha de S. Paulo entre 1992 e 2016. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 41, n. 2, p. 190-197, 2019.

SILVEIRA, R. da. Jogo da bocha: a “cachaça” do seu Inácio. **O Esporte na Cidade: Estudo Etnográficos sobre Sociabilidade Esportivas em Espaços Urbanos**, p. 85-96, 2007.

SILVEIRA, R.; STIGGER, M.P. Espaço de Jogo – Espaço de Envelhecimento: sociabilidade lúdica na Sociedade Esportiva Recanto da Alegria. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 29, n. 1, p. 177-192, set. 2007.

SOARES, C. L. Notas sobre a educação no corpo. **Educar em Revista**, n. 16, p. 43-60, 2000.

SOARES, C. L; MORENO, Andrea. Dossiê-Práticas e prescrições sobre o corpo: a dimensão educativa dos métodos ginásticos europeus. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 37, n. 2, p. 108-110, 2015.

STEIGER, R. N. **O emocionante e espetacular esporte da bocha**. Porto Alegre: Sulina, 1987.

KUSTER, S; SANETO, JG.

Das técnicas de lançamento da bocha: um estudo etnográfico. *Revista Saúde, Corpo e Movimento*, ano 2, v. 2, n. 1, 2023. ISSN 2965-4017. Passos (MG).

STIGGER, M. P.; SILVEIRA, R. A prática da “bocha” na SOERAL: entre o jogo e o esporte. *Movimento*, Porto Alegre, v. 10, n. 2, p. 37-53, 2004.

VELHO, G. **O Desafio da Cidade**—Novas perspectivas da Antropologia Brasileira. 2012.

VIANA, Prefeitura Municipal. **Educação**. Disponível em: <http://www.viana.es.gov.br/site/publicacao/equipe-de-marcilio-participa-de-seletiva-para-copa-estadual-de-bocha>. Acesso em: 15 de Out. 2017.

VIEIRA, M. M. et al. Efeitos do intervalo pós-conhecimento de resultados na aquisição do arremesso da Bocha. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, v. 6, n. 1, p. 50-54, 2006.

Recebido em: 03/08/2023

Aprovado em: 24/11/2023



Os direitos de licenciamento utilizados pela revista Saúde, Corpo e Movimento é a licença *Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International* (CC BY-NC-SA 4.0)